

UM LUGAR VAZIO: A MORTE EM DOIS POEMAS DE CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE

AN EMPTY SPACE: THE DEATH IN TWO POEMS BY CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE

Aulus Mandagará Martins
Doutor em Letras
Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRG)
(aulus.mm@gmail.com)

Mariane Pereira Rocha
Mestra em Letras¹
Universidade Federal de Pelotas (UFPel)
(marianep.rocha@gmail.com)

Mateus Klumb
Graduado em Letras Português e Alemão²
Universidade Federal de Pelotas (UFPel)
(mklumbb@hotmail.com.br)

RESUMO: O objetivo deste artigo é analisar a representação da morte nos poemas “Comunhão” e “A falta que ama”, de Carlos Drummond de Andrade, publicados em *A falta que ama*, de 1968. Esse período da poesia drummondiana corresponde a uma ênfase nas questões metafísicas, em contraste, por exemplo, com a dicção modernista e política dos anos 30 e 40. Desse modo, o tema da morte, que percorre a obra do poeta mineiro, ganha relevância e novos matizes. Apoiando-se na fortuna crítica de Drummond, pretendemos estabelecer pontos de contato e divergência entre os dois poemas citados.

Palavras-chave: Morte. Poesia brasileira. Carlos Drummond de Andrade.

ABSTRACT: This essay aims to analyze the representation of death in the poems “Comunhão” and “A falta que ama” by Carlos Drummond de Andrade, published in *A falta que ama* from 1968. This period of Drummond’s poetry highlights the metaphysical issues, contrasting the modernist and political diction from the 30’s and 40’s. Thus, the thematic of death, which passes through all the work of the poet, acquires relevance and new nuances. Based on the critical fortune of Drummond, we intend to establish connections and divergences between the two poems mentioned.

Keywords: Death. Brazilian poetry. Carlos Drummond de Andrade

Da estreia com **Alguma poesia** (1930) à publicação póstuma **Farewell** (1996), a obra de Carlos Drummond de Andrade (1902-1987) parece se caracterizar pela variedade de temas e formas poéticas. Essa pluralidade de temas e formas pode ser ilustrada cotejando os versos “políticos” de *A rosa do povo* (1945) com os versos

¹ Doutoranda em Letras pela Universidade Federal de Pelotas (UFPel)

² Mestrando em Teoria da Literatura na Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul

de dicção “clássica” de **Claro enigma** (1951). Apesar dessa heterogeneidade, como muitos críticos observaram, dentre os quais Antonio Cândido (1995), alguns aspectos se destacam, configurando um conjunto de traços formais, estéticos e temáticos, que revelam sua visão de mundo e permeiam sua obra, do início ao fim. Dentre os principais, vale destacar a recorrência à temática da memória, explorada de forma mais ou menos intensa, direta ou indiretamente, ao longo de toda a obra do autor. Seja para resgatar a infância, os antepassados, a terra natal ou fatos outros do passado, a memória é recorrentemente acionada nas poesias de Drummond. Além dessa, temáticas como o amor, a morte, a destruição e deterioração do ser, os impasses sociais, as transformações do mundo, entre outras, aparecem como pano de fundo da sua poesia.

Uma das características mais marcantes que delinea a forma como Drummond representa poeticamente o que tematiza, é sem dúvida o seu pessimismo. O poeta adota uma visão que leva, na maioria das vezes, o objeto de sua poesia à ruína. Isso se acentua com o amadurecimento de sua obra que, em vez dos traços estilísticos contestatórios do período modernista, passa, ao longo do tempo, a ceder lugar para a elevação do nível de subjetivismo empregado nos poemas. Outro traço bastante recorrente na obra drummondiana é a morte, como certamente não poderia deixar de ser em uma poesia tão marcada pela memória e pelo pessimismo. Em relação a esse último tema, propomos uma análise dos poemas “A falta que ama” e “Comunhão”, de **A falta que ama** (1968), buscando destacar a representação da morte.

Publicado originalmente com o primeiro volume da trilogia **Boitempo**, os poemas de **A falta que ama** correspondem a um período da obra drummondiana em que predominava um caráter mais metafísico de sua poesia. O autor passou por fases de desenvolvimento e amadurecimento de sua obra, o que ficou evidenciado nos arranjos linguísticos que empregou em seus versos. De acordo com Affonso Romano de Sant’Anna:

O Ser apenas embrionário de **Alguma Poesia** e **Brejo das Almas** se entreabre, aceitando suas antíteses no percurso entre o **Sentimento do Mundo** e **Rosa do Povo**, para, ao final entregar-se ao exercício pleno de sua dialética existencial e estética de **Claro Enigma** e **Boitempo**. Esses limites, escusa dizer, não são precisos: um estágio sai do outro naturalmente, eles se continuam, se complementam, explicando-se mutuamente (SANT’ANNA, 1972, p. 44).

Esse mesmo movimento em direção a uma poesia mais metafísica também é destacado por Marlene Correa (2015). Segundo a autora, no posfácio de **A falta que ama**, os poemas que integram essa obra imprimirão a tentativa de exploração e interpretação de estar no mundo. Para Correa, a obra de 1968 revela uma continuidade do trabalho desenvolvido em **Claro enigma** (1951), livro no qual predomina, a “especulação sobre o humano e o divino” (CORREA, 2015, p. 52), característica que, apesar de nunca ter estado ausente na trajetória de Drummond, será intensificada nas publicações a partir dos anos 50.

Em **A falta que ama** podemos encontrar um dos traços que o poeta itabirano explorou em seu percurso poético. Sempre movido pelas indagações e inquietações do ser e estar no mundo, Drummond une através do universo subjetivo expresso pelos poemas, dois polos distintos que parecem fundir-se em sua poética: a vida e a morte. Essa fusão aconteceria graças ao movimento do tempo que, em seus poemas, parece caminhar para uma finitude não finita, uma vez que a poesia de Drummond não delinea na morte uma ruptura, um final, mas sim um deslocamento que, conduzido pela memória, expulsa os mortos para outro espaço, onde até mesmo o esquecimento se transforma em lembrança, na qual reside insistentemente uma forma de sobrevivência. Apesar de poemas de outras épocas tocarem nessa questão, a publicação de 1968 parece aprofundar esse tema.

No poema de abertura da antologia, “Discurso”, o tema da morte se evidencia logo na primeira estrofe (“Eternidade:/ os morituros te saúdam”), como também em seu fechamento (“Eternidade:/ os morituros te beijaram”) (ANDRADE, 2015, p. 366). Do Latim **moriturus**, o vocábulo designa o que há, deve ou está para morrer, ou seja, algo ou alguém que ainda vive, mas que se encontra destinado à morte. Caminhando a vida para algo finito marcado pelo processo morte, a eternidade só pode ser aquilo que está para além dela, e a imagem dos morituros que beijam a eternidade não deixa, portanto, de ser uma representação da vida que encontra a morte em um círculo infundo, em que o seu final é apenas o início do que o poeta apresenta como eterno. Segundo José Guilherme Merquior, a “vida saúda a eternidade numa espécie de desafio metafísico. Pois, se bem possa ‘eternizar’ no fugaz, a existência é ‘um fim no começo’; um paradoxo radicalmente desproporcional às aspirações humanas [...]” (MERQUIOR, 1976, p. 238).

Contudo, se a morte é o espaço de encontro da vida com a eternidade, ela nunca o será sem ter algo de trevoso. Ela é responsável por criar no eu lírico drummondiano a angústia, a agonia e o pânico, como bem ilustra outra estrofe do poema “Discurso”:

Agônico
em êxtase
em pânico
em paz
o mundo-de-cada-um dilata-se até as lindes
do acabamento perfeito.

(DRUMMOND, 2015, p. 366)

Por residir em trevas, a eternidade, sempre terá algo de incomunicável, uma face de angustiante ausência, representada na obra como uma falta que ama. O poema que dá título ao livro, “A falta que ama”, expressa bem ao longo de suas estrofes essa relação conflituosa do encontro da vida com a morte, pelo olhar inquieto de quem vê o morrer, permeado por toda a angústia causada pela sombra do esquecimento e pela agonia da incerteza do depois e da ausência:

1. Entre areia, sol e grama
2. o que se esquiva se dá,
3. enquanto a falta que ama
4. procura alguém que não há.

5. Está coberto de terra,
6. forrado de esquecimento.
7. Onde a vista mais se aferra,
8. a dália é toda cimento.

9. A transparência da hora
10. corrói ângulos obscuros:
11. cantiga que não implora
12. nem ri, patinando muros.

13. Já nem se escuta a poeira
14. que o gesto espalha no chão.
15. A vida conta-se inteira,
16. em letras de conclusão.

17. Por que é que revoa à toa
18. o pensamento, na luz?
19. E por que nunca se escoia
20. o tempo, chaga sem pus?

21. O inseto petrificado

22. na concha ardente do dia
 23. une o tédio do passado
 24. a uma futura energia.

25. No solo vira semente?
 26. Vai tudo recomeçar?
 27. É falta ou ele que sente
 28. o sonho do verbo amar?

(DRUMMOND, 2015, p. 367)

No título encontramos a primeira menção a qualquer coisa que está ausente, vazia, que soa como perda ou como busca. Algo abstrato que não pode ser materializado e que cria certo estranhamento ao ser ligado ao verbo amar, que pressupõe relações afetivas de adoração, veneração, apreço, louvor.

O estranhamento se intensifica na primeira estrofe em que o jogo de palavras provoca novamente um sentido que remete a algo vazio, a ausência. Conduzidos pelo eu lírico a um espaço composto por areia, sol e grama, somos confrontados com algo de que fugimos, nos esquivamos, mas que ali é dado, tanto pelo jogo sintático quanto pelas escolhas paradigmáticas, não necessariamente dado por alguém, visto que a marca de impessoalidade está bem colocada. Nesse cenário, o eu lírico revela uma procura: “enquanto a falta que ama/ procura alguém que não há.” Fica-se com a impressão de que uma ausência que insiste em viver, uma vez que ama, procura por alguém que também se encontra ausente naquele lugar ou na própria existência, pois o verbo haver empregado nesse verso carrega o sentido de existir.

Na segunda estrofe, o eu lírico informa o paradeiro desse alguém: “coberto de terra”, “forado de esquecimento”, “a dália é toda cimento” remetem, certamente, à ideia de morte, talvez um cemitério, onde sob a terra as pessoas são deixadas ao vazio do esquecimento e total ausência de vida, que só é sinalizada pela presença da flor na qual se prende o olhar. Mas também dela a vida é furtada visto que “é toda cimento”. Nesse sentido, a falta que ama passa a ser o espaço onde está alguém que morreu, mas que insiste em viver nesse sentimento de falta nutrido por aquele que ainda vive.

Na terceira estrofe, encontramos a referência ao tempo, como responsável por corroer “ângulos obscuros”. Como se levasse qualquer coisa de claridade, ou luz que permitisse ver por entre a obscuridade, e a partir disso encontrar algo estático, que não faz qualquer movimento brusco ou intenso em relação aos muros, e inclusive

os aceita conformado pela sua inércia. Pensando na ideia do cemitério, talvez aqui, de forma mais objetiva, se encontre a imagem de um túmulo. Essa possibilidade é corroborada pelos versos que seguem na estrofe seguinte em que permanece o tom inerte do que o eu lírico observa quando conclui que “A vida conta-se inteira / em letras de conclusão”. Letras de conclusão, nesse contexto, remete imediatamente aos epitáfios nas lápides dos cemitérios, informando datas de nascimento e morte, ou seja, contam toda a vida de alguém que a concluiu, informando seu início e seu fim.

Diante dessa imagem, ainda guiado pelo sentimento de uma falta que ama, na quinta estrofe o eu lírico passa a interrogar-se. O tom melancólico dos versos revela a inutilidade dos seus pensamentos, o que sinaliza a inquietude e a incompreensão, e conduz à interrogação que revela um sentimento de dor evidenciado pelo vocábulo “chaga”. A dor, no entanto, não é física, a dor vem da ferida que representa o tempo para esse eu lírico. Ela está no nível do sentimento, fruto da agonia, da impossibilidade de entender, dominar e controlar o elemento causador da falta, da ausência e do vazio que esse eu lírico expressa e que torna inúteis suas tentativas de compreender as coisas, visto que “revoa à toa o pensamento na luz”.

Contemplando “o inseto petrificado”, que seguindo o raciocínio acima é alguém que está morto e sepultado, na penúltima estrofe o eu lírico indica o estado do morto como sendo um ponto de intersecção entre passado e futuro. Um passado que é tedioso, que ruiu, que deixou de existir porque existe outro momento marcado por um estado configurado como presente, em que as coisas ocupam outro lugar e estão diferentemente dispostas temporal e simbolicamente, o próprio morto se encontra desprovido da vida que ruiu com esse passado tedioso. O futuro, ao contrário, é uma potencialidade, é algo por vir, por se fazer, por acontecer e por realizar-se. Carrega em si o que ainda não foi, nem é, mas pode vir a ser pois é representado como a “futura energia”. Diferentemente do passado que o eu lírico conhece, pois o qualifica como tedioso, o futuro é para ele uma incógnita. Isso é evidenciado pela última estrofe do poema que termina com três interrogações. Duas delas remetendo a ideia de continuidade renovada para além do estado daquele “inseto petrificado”. “Semente” e “recomeçar” se unem a “futura energia” e inquietam o eu lírico sobre a possibilidade de reinício para além do túmulo.

Os dois últimos versos colocam em dúvida até mesmo o amor sentido por essa “falta que ama” que perpassa todo o poema até então. A partir de suas

interrogações o eu lírico não tem certeza se é a falta ou esse “inseto petrificado”, por ele contemplado, que sente o sonho, o qual nesse contexto revela a impossibilidade de realização prática, do verbo amar.

Nesse poema, a visão do eu lírico sobre a morte se dá pela perspectiva de quem contempla a passagem do tempo em seu desdobramento último. Ainda que esteja diante de suas consequências palpáveis para quem continua vivo, o túmulo que guarda alguém sepultado, a inquietude sobre o que a morte faz é que o domina. O que ele tem como certo, além do conhecimento de um passado que talvez não seja algo tão prazeroso de ser lembrado por ele, é a falta, a ausência, e o vazio deixado pela pessoa que morreu, e com ele a ausência de entendimento sobre a morte para além do plano material, segundo o qual ela se realiza apenas por um processo de decomposição da carne.

Por sua vez, no poema “Comunhão”, encontramos uma visão distinta da morte:

1. Todos os meus mortos estavam de pé, em círculo
2. eu no centro.
3. Nenhum tinha rosto. Eram reconhecíveis
4. pela expressão corporal e pelo que diziam
5. no silêncio de suas roupas além da moda
6. e de tecidos; roupas não anunciadas
7. nem vendidas.
8. Nenhum tinha rosto. O que diziam
9. escusava resposta,
10. ficava, parado, suspenso no salão, objeto
11. denso, tranquilo.
12. Notei um lugar vazio na roda.
13. Lentamente fui ocupá-lo.
14. Surgiram todos os rostos, iluminados

(DRUMMOND, 2015, p. 374)

O título não remete, de imediato, à morte. O fato de expressar a realização de algo em comum conduz a ideia de sintonia de sentimentos, identificação com algo ou alguém no modo de pensar, agir ou sentir. No entanto, no primeiro verso, o eu lírico do poema nos confronta com seus mortos, apresentando-nos uma visão em que esses se encontram de pé, em círculo, e ele, no centro. Logo após, passa a descrevê-los pela “expressão corporal e pelo que diziam/ no silêncio de suas roupas além da moda”. Frisa que nenhum tem rosto e que as roupas não foram anunciadas nem vendidas, construindo a imagem de trajes fúnebres comuns aos ritos funerários. O eu

lírico descreve-os de uma forma que acentua a ausência de vida em todos eles, preenchendo o poema com um tom sombrio e melancólico que só se desfaz no momento em que ele vai ocupar o lugar vazio naquele círculo. Nesse momento do poema, além de vislumbrar os rostos de seus mortos, surge a presença da luz que, finalmente, sugere um sinal de vida.

A visão de morte que o poema “Comunhão” apresenta é muito diferente da representação proposta no poema “A falta que ama”. Temos a sensação de que o eu lírico está colocado dentro da própria morte ou está em processo de. No universo subjetivo criado pelo poeta, é como se esse eu lírico nos mostrasse o momento de sua morte que se inicia com a visão de seus mortos (seus antepassados), e se completa no momento em que ele toma seu lugar no círculo, que é quando ressurgem uma faísca de vida por meio da iluminação dos rostos que se revelam. Se no poema “A falta que ama” o que havia ante a morte eram questionamentos e inquietude, em “Comunhão”, ao deixar a vida, pela morte, o eu lírico do poema tenta inscrever nos versos o momento de seu encontro com a eternidade no além vida e, conseqüentemente, com a revelação do sentido da sua existência. A luz representa o conhecimento, a revelação, as respostas para as inquietudes humanas, que estão ligadas aos antepassados, e estes, no sentido mais amplo, representam a humanidade como um todo. Ao revelarem-se os rostos de seus mortos, revela-se ao eu lírico o conhecimento sobre si próprio.

Quando a poesia drummondiana se veste de um caráter mais metafísico ela assume outra postura no que tange a relação tempo e espaço, configurando uma tentativa do poeta de transpor o tempo. Essa tentativa o conduz à recriação da realidade no universo subjetivo da poesia ressignificando-a e constituindo o ser humano em uma dimensão além. Nesse contexto surge a representação da morte como espaço possível para essa recriação e reconstituição. Segundo Affonso Romano Sant’Anna, “pela linguagem o indivíduo pode aprisionar o tempo e libertar-se da morte” (SANT’ANNA, 1972, p. 217).

De acordo com Sant’Anna, a transcendência do tempo em Drummond é realizada pela conscientização inerente à vida e a condução do ser ao nada por meio da angústia existencial alimentada pelo tempo. Isso é fundamentado pela teoria do filósofo alemão Martin Heidegger, que desenvolve toda uma problemática sobre o ser e o nada, a angústia e o tempo, e o sentido da vida. Para Sant’Anna, ao mesmo tempo

em que o poeta faz de sua poesia uma memória da memória na intenção de impregnar nela a intemporalidade da existência, ele se entrega à ausência para nela, através do nada, reconstruir o sujeito além do seu tempo pela memória.

Nesse contexto, em “Comunhão”, o poeta volta às origens do eu lírico, por meio de seus mortos, identificando os traços que o formam na tentativa de reescrever sua história, renovando a vida em um contexto onde o tempo é superado. A própria imagem do círculo presente no poema remete à infinitude, pois nesta figura geométrica não há fim nem começo, o ciclo simplesmente se reinicia ao terminar. A imagem do eu lírico ocupando seu lugar no círculo, e, nesse momento, os rostos se iluminando indicando vida mesmo depois da morte, soam como metáfora para a fusão do próprio indivíduo com o tempo, inserindo-se pela morte na eternidade.

Na esteira de Gabriel Sachett, a aparente finitude da vida ancorada à palavra encontra ferramenta para libertar-se do tempo, comungando com os que nele estão fundidos e completando o círculo que indicará a infinitude deste ciclo de comunhão com os mortos que representam a materialização do ser. Para o autor,

a obra de Drummond oculta um desejo de permanência, onde a tensão pode ser vista como pulsão, a presença da morte como forma de vida e os antepassados e a terra natal como uma espécie de exílio existencial (SACHETT. 2012, p. 27).

Conclui-se a partir do exposto que os poemas “A falta que ama” e “Comunhão” ilustram com profundidade o caráter metafísico que atinge a poesia de Drummond, funcionando como possibilidades de compreensão da obra do poeta em um sentido mais amplo. Para além das representações estilísticas da poesia, está impregnado nelas o trabalho de Drummond para entender e justificar o ser e o mundo e o ser diante do próprio tempo e como parte dele. A poesia, naturalmente subjetiva, é colocada a serviço da inquietude da realização máxima da subjetividade, a alma humana, inscrevendo nos versos drummondianos o caráter anacrônico de uma obra que se mantém atual pela forma como soube observar a universalidade das principais aspirações humanas para além de eras e civilizações.

Referências

ANDRADE, C. D. **Nova reunião**; 23 livros de poesia. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

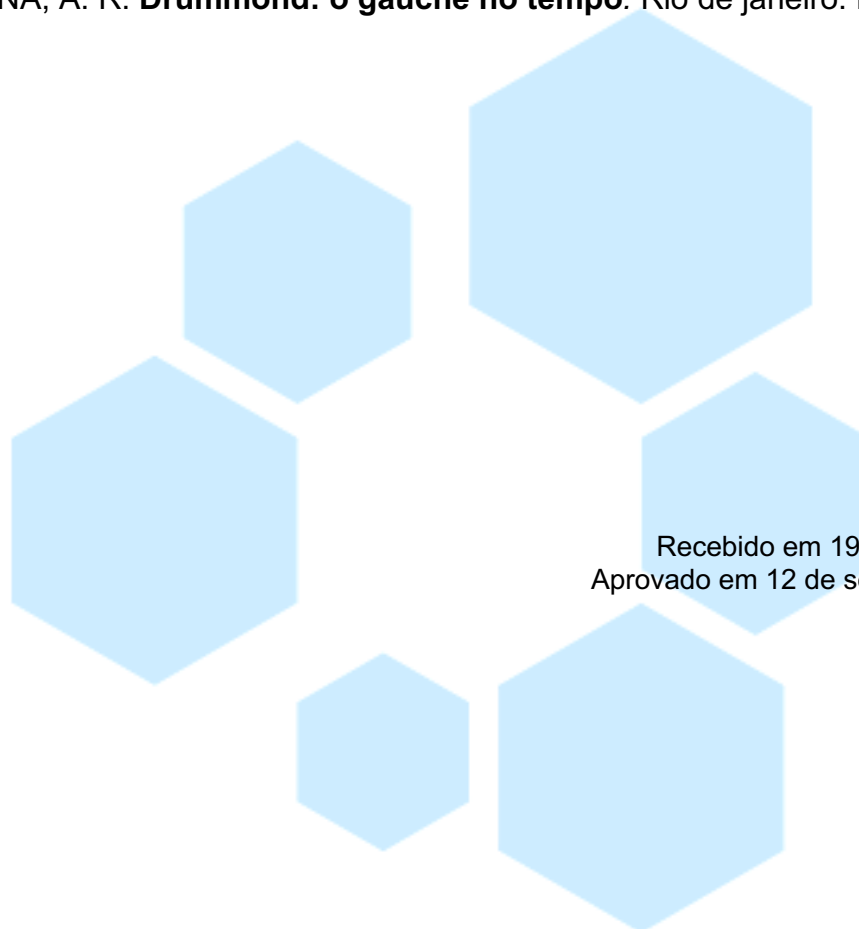
CÂNDIDO, A. Inquietudes na poesia de Drummond. **Vários escritos**. São Paulo: Duas Cidades, 1995.

CORREA, M. C. Bens e varia fortuna de **A falta que ama**. In: ANDRADE, Carlos Drummond de. **A falta que ama**. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

MERQUIOR, J. G. **Verso universo em Drummond**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1976.

SACHETT, G. C. **Drummond: A origem de um enigma**. 2012. 144f. Dissertação de Mestrado. Universidade de Caxias do Sul. Caxias do Sul RS. 2012.

SANT'ANNA, A. R. **Drummond: o gauche no tempo**. Rio de Janeiro: Record, 2008.



Recebido em 19 de abril de 2019
Aprovado em 12 de setembro de 2019